

CONGADO É TRADIÇÃO; RACISMO RELIGIOSO NÃO!

Data de aceite: 01/07/2024

Lidia Andrade da Silva

Universidade Federal de Uberlândia.
Mestre em Educação

Leilane Alves Chaves

Universidade Federal de Uberlândia.
Doutora em Educação

Nathália Martins Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia.
Mestre em Educação

Cirene Camilo

Prefeitura Municipal de Uberlândia-
Especialização

devido à falta de liberdade para praticar suas crenças e tradições. Porém, com o fim da escravidão no ano de 1988, os negros puderam expressar livremente sua cultura e religiosidade. Diante dessa temática e da atuação do movimento negro em possibilitar avanços significativos quanto “à inclusão da história e culturas afro-brasileiras, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), bem como no ensino da história e cultura Afro-Brasileira e Indígena, Lei nº 10.639/2003 somos convocados a consolidar e ressignificar diante do estabelecimento das leis supracitadas concretizando-se, assim, um importante avanço na luta antirracista, oportunizando a ampliação do conhecimento e do diálogo sobre a valorização das raízes africanas, ao lado das indígenas e asiáticas, não se limitando apenas à Semana da Consciência Negra.

PALAVRAS-CHAVE: Africanidades; Congado; Criatividade.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo enfatizar a importância de estudar as africanidades nos espaços escolares com as crianças, visto que o papel do professor é trazer para o seio da sala de aula discussões que desmistifique um modelo colonial impregnado na sociedade. E o congado considerado uma manifestação cultural religiosa de origem afro-brasileira que ocorre todos os anos na cidade de Uberlândia-MG surgiu no século XIX quando a cidade era apenas um pequeno povoado onde os negros escravizados faziam suas festividades em segredo

CONGADO IS TRADITION; NO RELIGIOUS RACISM!

ABSTRACT: This article aims to emphasize the importance of studying Africanities in school spaces with children, since the role of the teacher is to bring discussions into the classroom that demystify a colonial model permeated in society. And the congado considered a religious cultural manifestation of Afro-Brazilian origin that takes place every year in the city of Uberlândia-MG emerged in the 19th century when the city was just a small town where enslaved black people held their festivities in secret due to the lack of freedom to practice your beliefs and traditions. However, with the end of slavery in 1888, black people were able to freely express their culture and religiosity. In view of this theme and the role of the black movement in enabling significant advances regarding “the inclusion of Afro-Brazilian history and cultures, following the example of the Education Guidelines and Bases Law (Law 9,394/96), as well as in the teaching of history and culture Afro-Brazilian and Indigenous, Law No. 10,639/2003, we are called upon to consolidate and give new meaning in the face of the establishment of the aforementioned laws, thus realizing an important advance in the anti-racist fight, providing opportunities for the expansion of knowledge and dialogue on the appreciation of African roots, alongside indigenous and Asian women, not limited to Black Consciousness Week.

KEYWORDS: Africanities; Congado; Creativity.

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar nos causa inquietações e, ao mesmo tempo, nos provoca a pensar as relações que são estabelecidas e criadas a partir de uma educação coletiva e inclusiva. “Acreditamos que este espaço é gerador de transformação social” constituindo-se em um espaço que “favoreça o respeito, a cooperação, a solidariedade, a autonomia, a inclusão, o direito de brincar, a manifestação e a valorização da pluralidade cultural, social e étnica, buscando promover o desenvolvimento integral da criança” - Parâmetros Curriculares Educacionais da Educação Infantil da Escola de Educação Básica Universidade Federal de Uberlândia (PCEEI, 2020, p.4). Por essa razão, temos a perspectiva histórico-cultural¹, sobretudo nas investigações de Vigotski (2004, 2005, 2007, 2014), como opção teórica para fundamentar nossa compreensão de infância e infâncias nas minúcias do cotidiano escolar, destacando que este autor traz o conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida, compreendendo que as crianças em sua potência se constituem como sujeitos de suas histórias e seu protagonismo.

Nos diferentes ambientes que a escola possui, somos convidados/as a criar oportunidades para que as crianças interajam, participem, investiguem, criem, compreendam, se expressem, respeitem, cuidem, acolham esse pulsar do cotidiano de uma escola da infância e infâncias, alimentadas pelas aprendizagens e por um repertório cultural humano inesgotável.

1. Reconhecimento do papel da aprendizagem como central para o desenvolvimento psíquico, especialmente nos processos intelectuais (Muniz, 2019, p.14).

Concomitantemente, e sustentados no olhar para as crianças, e com as crianças, buscamos encontrar “luz” nas teorias de Sarmiento (2003a, 2003b, 2005, 2009, 2011, 2013) que ampliam nosso olhar para a Sociologia da infância que não caminha de forma isolada das minúcias do cotidiano escolar. Para tanto, enveredamos numa teoria em que a criança é vista como um todo e não fragmentada, como explicitado por Sarmiento (2007), porque a infância por muito tempo foi considerada “ invisível” e ocultada da sociedade. Historicamente, e validada por Ariès (1973) em seu livro “ A história Social da Crianças e da Família”, havia uma ausência social, física, cultural das crianças predominantemente nas cidades e que perdurou por muito tempo no seio da família porque não eram consideradas seres de pleno direito.

Assim, alguns referenciais teóricos supracitados nos mobilizam e inquietam para que a criança possa, segundo Madalena Freire (1988), através das representações, dos símbolos, do desenho, do brincar no manuseio de objetos, do faz- de-conta, vivenciar de fato, experienciar a felicidade de um mundo real que “ vem de nós”, que funciona como uma batida do coração (Bardança, 2020).

Neste processo de conhecer as “batidas do coração”, a figura do/a professor/a no âmbito da instituição escolar tem um papel fundamental e é particularmente considerada, conforme Filho (2021, p.103), “um elemento mediador da docência; daí o caráter relacional da profissão professor, em todos os segmentos educacionais”. Nesse sentido, o/a docente é a “peça chave” para que as relações do contexto aconteçam de forma plural e respeitosa com o outro, através de uma escuta sensível, participativa e educativa do/a professor/a (PCEEI, 2021).

É na docência com as crianças que encontramos pistas valiosas para desempenhar nosso papel de professor (a), pois nós é que somos agentes de mudanças e de escuta ativa no espaço-tempo da escola. Favorecemos o desenvolvimento integral das crianças, principalmente oferecendo-lhes as diferentes linguagens e possibilidades, garantindo-lhes experiências no mundo em que estão inseridas.

No cotidiano proporcionamos às crianças o encantamento pelas tessituras da leitura e escrita, por meio das diversas linguagens e, dentre elas, na oralidade que é praticada dentro de um espaço em que as infâncias são alinhavadas na curiosidade, no respeito, no olhar, na mediação e nos modos com se expressam e narram suas vidas porque é com as crianças que o entrelaçar da docência acontece de fato.

É nessa direção que ao analisarmos os documentos curriculares BNCC (MEC, 2018), os documentos PCE-EI-ESEBA-UFU (2021), ao abordar o trabalho com as linguagens na escola, verificamos que a escuta, a fala, o pensamento e a imaginação são componentes potentes para desenvolver um cenário protagonizado pelas crianças e planejado com intencionalidade pelo professor.

Assim, o conteúdo “O racismo na escola e suas implicações na formação identitária da criança” está ancorado, segundo Santos (2022, p.12), na atuação do movimento negro em possibilitar avanços significativos quanto “à inclusão da história e culturas afro-brasileiras, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), bem como no ensino da história e cultura Afro-Brasileira e Indígena, Lei nº 10.639/2003².

Nessa direção o espaço escolar é consolidado e ressignificado diante do estabelecimento das leis supracitadas concretizando-se, assim, um importante avanço na luta antirracista, oportunizando a ampliação do conhecimento e do diálogo sobre a valorização das raízes africanas, ao lado das indígenas e asiáticas, não se limitando apenas à Semana da Consciência Negra.

Diante disso, nos inspiramos nos referenciais teóricos encontrados no livro “Construindo uma educação antirracista: reflexões, afetos e experiências”, da organizadora Neli Edite dos Santos, bem como de suas colaboradoras Fernanda Cássia dos Santos, Gabriela Martins Silvar e Léa Aureliano de Sousa. Segundo Santos (2022, p. 12) “as travessias pedagógicas compartilhadas por autoras e autores de cada texto transcorrem em um país marcado pelo racismo e, ao mesmo tempo, por conhecimentos produzidos pela população negra, como estratégia de resistência e existência”. “Superando o Racismo” na Escola, do pesquisador Kabengele Munanga, é o encontro de diversos pesquisadores que juntos debatem o tema racismo de modo que o assunto não possa se esgotar, mas, sim, ser ampliado de forma existencial e resistente no campo da educação contribuindo para o entendimento da realidade e pluralidade social.

A fim de abordar a temática em sala de aula com as crianças, anunciamos o seguinte tema a ser trabalhado: Congado é tradição; racismo religioso não!

Este tema foi escolhido para esta aula didática a partir de uma situação que aconteceu no mês de julho de 2023, na cidade de Uberlândia-MG, durante a passagem de um grupo de congado na rua Professor Pedro Bernardo, no centro da cidade. Do alto de um edifício foram lançados ovos que atingiram o grupo, causando, segundo responsáveis pela festa que acontece em nossa cidade há 146 anos, uma cena “vexatória e humilhante”.

O congado é uma manifestação cultural religiosa de origem afro-brasileira que ocorre todos anos na cidade de Uberlândia-MG. Surgiu no século XIX quando a cidade era apenas um pequeno povoado onde os negros escravizados faziam suas festividades em segredo devido à falta de liberdade para praticar suas crenças e tradições. Porém, com o fim da escravidão no ano de 1988, os negros puderam expressar livremente sua cultura e religiosidade. A partir daí, o congado da cidade de Uberlândia teve um papel importante na formação da identidade cultural, religiosa e africana na cidade. Esta festa acontece no mês de outubro, reúne uma diversidade de pessoas em torno de uma tradição que

2. A Lei nº 10.639/2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996, que estabelece as Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN)). Mais tarde é promulgada a Lei nº 11.645/2008, que faz mais uma alteração na Lei nº 9.394/1996, modificada pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

acontece há 146 anos na Praça Nossa Senhora do Rosário e é considerada pela prefeitura de Uberlândia um patrimônio imaterial cultural, sendo preservada e valorizada por toda a comunidade por meio do Decreto nº 11.321, de 29/08/2008.

Durante a festa os ternos de congado³ direcionam-se para a praça da Igreja do Rosário a fim de apresentarem suas danças em torno do festejo referendado aos santos padroeiros e protetores no período da escravidão. Além das apresentações, cada terno compõe suas músicas, adornos e adereços, bem como cânticos específicos e também como forma de simbolizar o festejo. Por essa diversidade, há uma grande variedade de instrumentos como sanfonas, violas, chocalhos, pandeiros, caixas, entre outros, e eles estão presentes nesse ritmo fascinante da festa. Temos também as vestimentas e cada terno possui suas cores como azul e branco, verde e amarelo, azul, branco amarelo, entre outras.

As festividades da congada são expressões afro-brasileiras. Assim, os congadeiros e as congadeiras são protagonistas dessa manifestação cultural que celebra a força, a coragem, a fé e a ancestralidade do povo negro.

Portanto, a proposta desta aula está em consonância com as discussões que envolvem os documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Base da Educação-LDB (Brasil, 1996); as Bases da Educação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular BNCC-BNCC; os Parâmetros Curriculares Educacionais da Educação Infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (PCE-EI-ESEBA-UFU), Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015; a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência; a Lei 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira”; e de bibliografias que embasam as escolhas teóricas desta aula.

DESENVOLVIMENTO/ METODOLOGIA

A proposta desta aula é realizar um contexto investigativo⁴ com chapéus coloridos criados pelas crianças, inspirada na exposição “Cores do Congado”, idealizada por Sérgio Rodrigues e Flaviane Malaquias⁵, na qual, a partir da materialidade, são ornamentados os chapéus do congado. Nesse contexto, com sua potencialidade, as crianças constroem suas narrativas, suas reflexões e relações entre os sujeitos que estão intimamente envolvidos no processo educativo. Ao considerarmos que o espaço da aula precisa ser organizado de modo a ser explorado, pensamos em um contexto investigativo que propicie que a criança produza seu conhecimento em uma aprendizagem de percursos personalizados do seu fazer cotidiano.

3. São grupos que saem de seus quartéis localizados em diversos pontos da cidade de Uberlândia. A congada possui 24 ternos ligados à Irmandade Nossa Senhora do Rosário.

4. É uma estratégia de aprendizagem que expressa a escolha de um projeto de sociedade.

5. Ambos são professores de arte do município de Uberlândia – MG. Com a curadoria do professor Sérgio, surgiu a vontade de unir os trabalhos de artistas com as produções de alunos com um olhar na expressão cultural da cidade intitulado “Chapelaria do Congado”.

Podemos dizer que os contextos investigativos são um conjunto de materiais, recursos previamente selecionados e organizados de maneira que as crianças possam compor, projetar, brincar, interagir, descobrir, investigar, conhecer, apropriando-se das características dos materiais, bem como das suas articulações e transformações possíveis; enfim, um contexto organizado num tempo e espaço para descobertas. Para projetar um contexto investigativo, é importante o desenvolvimento das narrativas com as crianças, pois de acordo com Barbosa (2013, p. 221), “as crianças vivem de modo narrativo, pensam em voz alta, compartilham seus pensamentos e são protagonistas de suas vidas”.

Por isso, para esta aula vamos dispor dos seguintes materiais: colcha colorida que a turma usa em momentos de roda dialógica e que representa as tessituras com as crianças; tecido branco; miçangas nas cores amarela, azul, branca, amarela, verde e rosa; flores; potes para colocar as miçangas; cordões amarelos, azuis, brancos, verdes e cor de rosa; fitas coloridas; tecidos coloridos; chapéus; lupas; difusor com essência de violeta; cola; lápis preto 6B; caneta posca branca; chapéu preto; saquinho de pedrinhas; baú de culturas e imagens de congadeiros de Uberlândia; e um cartaz com dizeres: Congado é tradição; racismo religioso não!

Inicialmente é organizado o espaço dispondo todos os materiais de maneira intencional, oportunizando possibilidades significativas de experiências com as crianças. Logo em seguida, a professora recebe as crianças na porta da sala de aula e a aluna Manuella sente o cheiro que exala pela sala e pergunta: “Que cheiro gostoso é esse? ” A professora diz: “ É cheiro de violeta; ele traz renovação e simplicidade para nossa vida”.

Com todas as crianças na roda dialógica, a professora pergunta: “Como estão todos? ” Esse momento possibilita que as crianças narrem suas histórias e experiências, compartilhem ideias e, conforme Muniz (2020), este é o local em que emergem os relatos e registros. Em seguida, ao mostrar um cartaz, a professora pergunta às crianças: “O que vocês acham desse cartaz? ” Clarisse diz: “Ah, tem uma coroa! ” “O que mais? ”, indaga a professora e Lucas diz: “Tem coisas escritas”. A professora continua: “Sim, tem coisas escritas e vou ler para vocês: Congado é tradição; racismo religioso não! ”

Diante dos questionamentos das crianças, a professora conta uma história real que aconteceu na cidade Uberlândia-MG durante uma festa de tradição cultural e afro-brasileira que é patrimônio histórico dessa cidade. Durante os ensaios do congado, moradores de uma rua supracitada no texto, atacaram o grupo com ovos; porém, diversas pessoas da cidade e autoridades repudiaram esses atos como sendo racistas, vil e odiosos contra uma tradição cultural e muito antiga da cidade de Uberlândia.

Como um ato de resistência, uma mulher negra chamada Dandara criou um cartaz para demonstrar que o congado é uma tradição e que racismo religioso não! Nosso papel frente a esse ato é mostrar às pessoas que o congado tem um papel importante na formação da identidade da nossa cidade porque há uma manifestação de cores, cantos, instrumentos e elementos culturais utilizados para preservar a história das festas do congado.

Nesse sentido, para valorizar a cultura do congado, a professora traz diversos objetos que permitem a construção e o estabelecimento das relações com o contexto proposto. Este espaço foi pensado e inspirado nos três pilares que compõem o Diário de ideias da Professora Luciana Soares Muniz: experienciar, registrar e compartilhar⁶. Portanto, nesse momento, as crianças são pesquisadoras, investigadoras do seu processo de criação, “são sujeitos relativamente autônomos, com elaborações próprias a respeito do mundo e representações da sua infância, constituindo-se em importantes sujeitos de pesquisa” (Souza, 2014, p. 49).

As crianças começam a pegar as imagens dispostas em folha A3 porque a ampliação facilita a observação dos detalhes das fotografias dos congadeiros e percebem que ali no espaço há objetos com os quais eles podem criar chapéus parecidos com os da foto. Na sequência, a professora mostra a importância das cores das fitas, das miçangas e dos cordões para compor esse adereço usado pelos congadeiros.

Com o estudante Lucas que possui baixo visão, a professora pega a lupa e a imagem dos congadeiros porque a lupa é um objeto que facilita o processo de desenvolvimento e comunicação da criança com material previamente pensado tanto para o todo como também para o sujeito com deficiência visual. O chapéu para este aluno deve ser o preto porque ele aumenta o contraste com a caneta posca e, para desenhar no chapéu, a criança usa o lápis preto 6B para que o crie juntamente com a professora.

O processo de criação possibilita que as crianças reflitam sobre a importância da cultura afro-brasileira⁷ em nossa cidade, a partir dos recursos utilizados na aula, evidenciando que os chapéus por elas criados representam a diversidade, a identidade e a beleza que compõem um coletivo da diversidade étnico-racial.

Portanto, nessa aula enfatizamos com nossas crianças a importância de estudar as africanidades para que “[...] busquem compreender e ensinem a respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensa, [...]” (Gonçalves e Silva, 2005, p.157). E é nosso papel enquanto pedagogos dedicar nossos esforços para desmistificar um modelo colonial impregnado na sociedade. Conforme Munanga (2005, p.16), o “resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra”; interessa também às ascendências étnicas”.

Ao final da criação as crianças percebem que na roda há um saquinho de pedrinhas e a curiosa Manuella pergunta o que há nele. A professora questiona: “O que você acha que tem dentro do saquinho?” Manuella diz: “Acho que tem pedrinhas”. A professora confirma e as curiosas crianças dizem que gostariam de desenhar nas pedras o que eles aprenderam na aula sobre o congado.

6. O objetivo dos pilares é proporcionar que a criança seja protagonista do seu próprio trabalho.

7. Ao dizer africanidades brasileiras, estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que tem origem africana (Gonçalves e Silva, 2005).

A professora afirma que podem registrar os desenhos com a caneta posca branca. Portanto, esta situação-problema é lançada na aula seguinte com as crianças, abrindo possibilidades para novos conhecimentos e registros.

AValiação/ REGISTRO DIÁRIO

É válido destacar que a avaliação/registo diário é composta por vários momentos vislumbrados dentro do espaço da escola, visto que tentamos abrir portas para «rupturas das rotinas rotineiras do fazer-fazendo docência» (Filho, 2021, p.138), o que nos permite trazer um olhar crítico-reflexivo e formativo para este registro.

Abrir essas portas para um registro do cotidiano é oportunizar às crianças espaços de acontecimentos em que elas são protagonistas do seu processo e nos mostram que “ as experiências socioculturais com as crianças pequenas no que se referem à dança, música, brincadeira, cheiro, som e pinturas são determinantes para se constituírem como sujeitos pensantes” (Faria, 2021, p.166).

É importante salientar que a avaliação/registo diário não é um momento de medir, comparar ou até mesmo reprovar a criança, mas, sim, “contribui para a aprendizagem e para o trabalho do professor e necessita ser mediadora e acolhedora” (PEC, 2021, p.31).

Para tanto, o baú de culturas⁸ é um instrumento criado por cada criança em aulas anteriores onde elas colocam suas ideias, registros, desenhos e utilizam sua criatividade para provocar a troca de ideias tanto no grupo quanto em outros espaços sociais (Muniz, 2019, p.184). É o momento em que as crianças desenvolvem a sua capacidade de autonomia, reconhecimento e reflexão de forma combinada, tanto nas rodas de conversa quanto nos momentos individuais de registro, e que podem ser compartilhados com outras crianças da escola, com as famílias e a instituição escolar.

Assim, todo o processo descrito nesta aula vai ao encontro do “observar, registrar e refletir” Freire (2003), pois acreditamos que as ações do cotidiano e do fazer da docência está no processo em que essa tripla ação nos ensina que o registro é uma parceria que envolve as crianças, os/as professores/as e as famílias pois esse conjunto é essencial para transformar as “rotinas rotineiras em vida cotidiana” (Filho 2021, p.147).

8. O baú de culturas é uma inspiração advinda do diário ideias, idealizado pela Professora Doutora Luciana Soares Muniz, onde cada criança guarda suas descobertas, materiais, tesouros guardados para ser compartilhados.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Tempo e cotidiano**: tempos para viver a infância. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185>. Acesso em: 29 mai. 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2018.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília. 23 dez. 1996. p. 27.833-27.841.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

BARDANÇA, Ângela Abelleira. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância**. SP. Phorte, 2020.

ESEBA. Parâmetros Curriculares Educacionais da Educação Infantil. 2020. Disponível em: [novo_pce_2020_2021_0.pdf](#) (ufu.br). Acesso em: 9 dez. 2023.

FARIA, Paula Amaral. **Com as linguagens, as crianças!** Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. SP. Paz e Terra, 1983.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana do fazer-fazendo da docência na Educação Infantil**. Florianópolis. Insular, 2021.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de Ideias**: linhas de experiência. Uberlândia. Edufu, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2005.

SANTOS, Neli Edite dos (org.). **Construindo uma educação antirracista: reflexões, afetos e experiências**. Curitiba: CRV, 2022.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Quotidianos densos** – a pesquisa sociológica dos contextos de ação educativa. In: GARCIA, Regina Leite. Método; Métodos; contra método. SP: Cortez, 2003a, p. 91-110.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 12, n. 21, 2003b, p. 51-69. SARMENTO, Manoel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, ago. 2005.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Sociologia da infância**: correntes e influências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. Estudos da Infância: educação e práticas sociais. 2ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 17-39.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **O Estudo de Caso Etnográfico em Educação**. In: ZAGO, N. et al. (Org.). Itinerários de Pesquisa: Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Lamparina (2ª edição), 2011, p. 137 - 179.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **A sociologia da infância e a sociedade contemporânea**: Desafios conceituais e praxeológicos. In: GARANHANI, M. C. (Org.) Sociologia da infância e a formação de professores. Curitiba: Champagnat, 2013, p. 13-46. SEBER, M.G. Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio.

SILVA, Ana Célia da. **Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível I. Projeto de pesquisa**. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, nº 63, 96-98, São Paulo, 1987, p.96-98.

SOUZA, E. L. **Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. 2014. 422 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Universidade Federal de Uberlândia. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Uberlândia: UFU, Escola de Educação Básica, 2020.

VIGOTSKI. Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI. Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. VIGOTSKI. Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson L. Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI. Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. Michel Cole (et al.). 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI. Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. Trad. João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.